

Freud, Educação, Mitologia: entre o psíquico e o lendário

ESTRELLA BOHADANA* & SERGIO SKLAR**

Resumo

Retomando a descrição dos mitos de Cila e Caribidis – dois monstros da mitologia que teriam habitado os lados opostos do estreito de Messina, indicando os perigos da navegação perto de rochas e redemoinhos –, este artigo problematiza a sua evocação na obra freudiana. De fato, Freud menciona os lendários monstros em apenas três momentos de sua obra, citando somente seus nomes; a escassez de referências e informações não nos impede, entretanto, de constatar um enigma interpretativo lançado pelo criador da psicanálise. Como veremos, Freud se aproveita implicitamente de dois elementos do mito, os perigos e a navegação, para refletir sobre limites psíquicos que dimensionam a ação educacional.

Palavras-chave: Cila; Caribidis; Freud; Psicanálise; Educação.



* **ESTRELLA BOHADANA** é Professora-Orientadora do Programa de Pós-Graduação de Educação e Cultura Contemporânea da Universidade Estácio de Sá (UNESA).



** **SERGIO SKLAR** é Doutor em Filosofia (USP), Professor-Adjunto do Departamento de Estudos da Subjetividade Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Faculdade de Educação-DESF-UERJ), Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris). Autor dos seguintes livros: "Espaço Imanente: um estudo psicanalítico sobre a arte em Sigmund Freud e Jacques Lacan" (Rio de Janeiro: Imago, 1989), "Freud e a Técnica" (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992) e "Freud: o interesse científico de uma filosofia inquieta" (org. e autor) (Rio de Janeiro: Revinter, 1996).

Entre Cila e Caribidis

Feito presença o mito¹ se realiza no que vive. Brincando com os enigmas da vida e da morte, vive a autonomia transitiva do que, vigente, é um sempre por- vir. Não se esgota: pronto, o mito jamais está acabado. Seu vigor clama por uma cena, provocada por toda ocorrência do mito. Cena para a qual o mito é uma cena. E se o movimento que enlaça as várias figuras silenciar, o mito desvanece, pois não há mito fora da cena. A cena, agora, em questão nos evoca Circe² e Odisseu.

Após explicar para Odisseu como proceder quando as lindas sereias, que fascinam os homens, se aproximassem, a deusa Circe diz: “depois que teus companheiros tiverem remado para além delas (as sereias), daí já não posso dizer a seguir qual dos dois caminhos será o teu” (HOMERO, canto XII).

¹ Neste trabalho, optamos por focar o mito, primordialmente, como experiência de comunicação. Como o modo de o homem se relacionar com o mundo, de experimentar o viver, de construir imagens. Nesta perspectiva de comunicação, a imagem deixa de ser o elo imperfeito entre o homem e a coisa, para tornar-se ela própria uma coisa, estímulo, tão incapturável em sua totalidade quanto o é qualquer estímulo, na permanente relação que jamais se imobiliza.

² Filha de Sol e da oceânida Perse, do Dia e da Noite, segundo diferentes versões. Casou-se com o rei dos sármatas, povo nômade e belicoso, habitante do norte do Cáucaso. Dotada de poderes extraordinários, preparava filtros e venenos capazes de transformar os homens em animais. Tendo envenenado o esposo, passou a ser odiada pelos súditos e teve que fugir, encontrando refúgio na ilha de Ea. Habitava um palácio encantado e cercava-se de lobos e leões que eram seres humanos metamorfoseados. Transformou em porcos alguns dos companheiros de Odisseu, chegando a retê-lo um ano no seu palácio. No momento de sua partida, aconselha-o a consultar o adivinho Tirésias no Hades, para saber o melhor caminho para a Ítaca, além de preveni-lo sobre as diversas ciladas que ainda teria que enfrentar.

Trata-se de Odisseu escolher entre Cila e Caribidis³.

Canta o *aedo*⁴:

De um lado há penedos iminentes; de encontro a eles brama o vagalhão de Anfitrite de olhos azuis; esses [penedos] os deuses bem-aventurados chamam Rochedo dos Errantes [...] De outro lado, jamais escapou embarcação de homem ali chegada; as vagas do mar e as tempestades de fogo funesto carregam juntamente as pranchas do barco e os corpos dos tripulantes (HOMERO, canto XII).

Num dos lados habita Cila, a ladrar terrivelmente. Seu latido lembra o de uma cadelinha recém-nascida, mas, de fato, Cila é um terrível monstro cruel; ninguém, certamente, teria prazer em vê-la, nem mesmo um deus, canta Homero.

Cila era uma bela Ninfa, filha de Fórcis e Hécate, que recusou o amor de um deus marinho. Este, perdido de amor, recorre à deusa Circe, na esperança de ela com suas magias ajudá-lo a conquistar o coração da ninfa. Mas, Circe, perdida de amor pelo deus marinho, preparou um poderoso veneno e lançou-o na fonte em que a ninfa acostumava banhar-se. Quando Cila mergulhou nessas águas, transformou-se em um monstro.

³ Ultrapassar Cila e Caribdis é ter coragem para ultrapassar qualquer dificuldade. Na *Odisseia*, Odisseu só consegue retornar a Ítaca depois de passar por Cila e Caribdis.

⁴ Na Grécia Antiga, os *aedos* eram os “cantadores”: espécie de poetas responsáveis pela transmissão oral dos feitos heróicos. A *Iliada* e a *Odisseia* são algumas dessas obras cantadas pelo *aedo* Homero, ou seus descendentes. Portanto dizemos que em eras prévias ao que chamamos Ocidente, os mitos gregos encontraram sua realização no canto dos *aedos*. Os *aedos* cantavam os versos com tal encanto que tornavam o cantar um acontecer de revelação.

E o canto prossegue com sua minuciosa descrição. Cila aparece com doze patas atrofiadas, seis pescoços de extrema lonjura e, em cada um deles, uma medonha cabeça, provida de três fileiras de dentes, numerosos e cerrados, portadores de negra morte. Metade do seu corpo mergulha na concavidade da gruta; mas deita as cabeças para fora daquele horrendo abismo e espreita os transeuntes com avidez. Dali pesca delfins e cães marinhos; e apanha também monstros maiores, dentre os inumeráveis que alimentam Anfitrite⁵. Nunca marinheiros que até ali chegassem se vangloriaram de lhe fugir, sãos e salvos, pois ela arrebatava todos os homens, com cada um dos focinhos, e levava-os da nave.

O outro penedo é mais baixo, vizinho do primeiro, e pode ser atingido com uma seta. Encontra-se aí uma grande figueira brava de folhagem verde, debaixo da qual a divina Caribidis absorve a água escura.

Caribidis era filha de Poseidon e da Terra. Vivia num rochedo perto de Messina, à beira do estreito que separa a Itália da Sicília. Sua característica era a voracidade. Narra o *aedo* que, quando Hércules passou nas proximidades de Missena, conduzindo os bois de Gerião, Caribidis roubou alguns animais e devorou-os. Zeus lançou-lhe um raio e precipitou-a no mar. Caribidis tornou-se um monstro: Três vezes por dia,

absorvia grande quantidade de água, atraindo tudo que flutuava; outras três rejeitava a água que engolia, de um modo tenebroso.

Diante de tal monstro, a deusa Circe alerta Odisseu dizendo-lhe para não estar lá quando Caribidis sorver, “pois nem mesmo o deus que o solo estremece te salvaria da morte” (HOMERO, canto XII). E, por fim, adverte a deusa: “antes, aproxima-te do rochedo de Cila e toca rapidamente o barco para diante. Lamentar a perda de seis tripulantes é muito preferível a chorar a de toda a tripulação” (*Ibidem*).

À insistência de Odisseu em saber se haveria maneira de livrar os companheiros da morte, Circe responde irritada:

Misero! Eis-te de novo a cogitar de feitos de guerra e fadiga! Não queres recuar nem mesmo diante de deuses imortais? Sabes? Ela (Cila) não morre; é um flagelo imortal, medonho, cruel, feroz e inexpugnável; não há defesa contra ela; muito faz quem dela escapa (HOMERO, canto XII).

Os mitos de Cila e Caribidis assinalam a distância e a diferença que separam o visível e o oculto. Trazer o oculto para a presença do acontecer não lhes rouba o enigmático, assim como no acontecer em si mesmo não se descobrem os enigmas desses mitos. Subtrair a distância do distante não é, então, conhecer os enigmas, mas com eles coexistir: torná-los concretos. Concretude que propicia libertar-se da intenção de capturar o existente. É poder viver na insólita estranheza dos enigmas. É desistir de explicar a fala do existente, vivendo a facticidade da presença. É manter-se à superfície, fruindo as oferendas do viver, onde a grandeza e o vigor, não só do atraente e portentoso, mas também do repelente e

⁵ Anfitrite desposou o deus Poseidon, tornando-se a deusa dos mares. Quando se divertia com suas companheiras, Anfitrite foi vista por Poseidon que, fascinado com sua beleza tenta raptá-la, mas ela se recusando a unir-se ao deus, escapa e refugia-se nas profundezas do oceano, em um lugar onde só sua mãe, Dóris, sabia. Tomado pela paixão, o deus continua com suas investidas, mandando um delfim procurá-la, sendo ela encontrada ao pé do monte Atlas e, convencida, cede e casa com Poseidon que a tornou rainha dos oceanos.

do horrendo, deambulam nas aléias do existir.

Em torno dos lendários monstros, assinala-se uma sucessão de acontecimentos, que faz a lenda se apagar. Em cascata as imagens se derramam e, guardando o vigor do existente, não cessam de invocar para a presença o distante. Enigmáticos como as sensações, esses mitos guardam os segredos que espreitam por desvelar. Porque concretas, suas narrativas, nesse caso, são força de expansão. Ocorrem no próprio acontecer, nelas não há anterioridade nem posteridade: nem passado nem futuro. Há ali uma intrínseca imbricação, no agora, do antes e do depois; o oculto e o distante, na ação mesma do vivenciar, ganham um *topos* que os torna presença. Assim, esses mitos desenvolvem-se como a espiral, neles inexiste fim e início únicos. Desenrolam-se entre os albos e os negros, e exploram os mais longínquos horizontes; mesmo nos abismos mais profundos, tornam-se presentes.

Em linhas gerais, os mitos de Cila e Caribidis revelam a força da imaginação humana, o poder que o homem tem de criar imagens. Cabe indagar, no entanto: como dimensionar a existência desses mitos? Neles as imagens são frutos dos sonhos e fantasias do homem? Ou seriam criações psíquicas, no sentido de demarcarem representações desvinculadas dos acontecimentos – imagens que derivam de acontecimentos?

Freud e o mito de Cila e Caribidis

A clareza dos processos psíquicos que tocam diretamente a imaginação do homem torna-se em 1923 crucial para a psicanálise, se considerarmos, como nos adverte Freud (1987b, p. 425), que sua investigação “está em condição de dizer a palavra decisiva em todas as questões

relativas à vida da fantasia do homem”. Ele não deixa de elogiar a obra de Otto Rank, a este respeito, pois nela se demonstra “que mitos e fábulas permitem, como os sonhos, uma interpretação” (*Ibidem*). E não são poucos enigmas da mitologia, respaldados pela imaginação humana, que servem de sustentação para inúmeras divagações e ponderações de Freud; personagens, heróis e monstros alinham-se sob a dominância de um sentido só em aparência inapreensível para a ciência psicanalítica, aproximando a análise da psique do reino governado pelo fantástico, mítico ou fabuloso. Numa destas aproximações, nossa atenção se volta para os monstros Cila e Caribidis. Surpreendemo-nos com o fato de Freud mencionar apenas seus nomes em três breves momentos de sua obra. A surpresa dá margem a dois questionamentos difíceis e complementares: teria ele cedido com este passo a qualquer tentativa de interpretação das duas lendas, utilizando o conhecimento prévio das mesmas somente como recurso ilustrativo para o que estava formulando em termos psíquicos? Rendeu-se à evidência, assim, de que existiriam exceções à susceptibilidade aventada por Rank? O ar de uma utilização não suficientemente deliberada nos engana; conforme veremos em seguida, à luz do que assinalamos nas respectivas lendas, a escassez de referências não é suficiente para colocar obstáculos à compreensão de seu uso no discurso freudiano.

O contexto em que aparecem as três menções, em questão, é essencial para que possamos entender como isto ocorre.

Num primeiro momento, a referência aos monstros nos conduz à reflexão dos

enlaces sexuais que germinam nos primórdios da infância; Freud sinaliza em *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, de 1923 (1987a, p. 154-155), uma cumplicidade entre a ciência e o mito que deve nos intrigar, ao concluir que:

[A] primeira conformação de amor na criança, e que se relaciona tipicamente com o complexo de Édipo, sucumbe, como é conhecido, ao iniciar-se o período de latência, sob o empuxo do recalque. O que dela sobra é um enlace afetivo puramente terno que vale para as mesmas pessoas, mas que não deve mais ser qualificado de “sexual”. A psicanálise – que investiga as profundezas da vida anímica – não tem dificuldade para demonstrar, sem dificuldade, que também os enlaces sexuais dos primeiros anos infantis continuam subsistindo, ainda que recalcados e inconscientes. A psicanálise nos dá coragem para afirmar que todo sentimento terno constitui a sucessão de um enlace, puramente “sensual”, à pessoa que corresponde à sua representação simbólica (*imago*).

Um passo necessário para Freud diz respeito à elucidação dessa corrente sexual; ele admite, assim, que ela exista no psiquismo e possa ser ativada pela regressão, advertindo-nos logo em seguida:

Deve-se ter cuidado aqui igualmente com duas fontes de erros: com a Cila da depreciação do inconsciente recalcado, como com a Caribidis da tendência a medir o normal pelo critério que aplicamos ao patológico (FREUD, 1987a, p. 155).

Dois aspectos chamam a atenção nestas citações. De um lado, a capacidade que tem a psicanálise de lançar viva luz sobre o que é mais profundo na vida anímica e, de outro, como extensão

deste talento, a possibilidade de assinalar a permanência *ad infinitum* dos primeiros envolvimento sexuais infantis. Mas entre a capacidade e a possibilidade aventadas, dois perigos devem ser evitados: ora uma avaliação precária da amplitude alcançada pelo que se fixa de modo não-consciente na psique – um inconsciente recalcado –, ora o equívoco de se percorrer uma via de duas mãos entre critérios aplicados à normalidade e os herdados da investigação do doentio. A menção à Cila de uma “depreciação”, bem como à “Caribidis da tendência”, respectivamente em questão, não tem outro sentido senão o de desdobrar metaforicamente o alerta aos perigos da navegação que, na descrição das duas lendas, concerne à navegação próxima de rochas e redemoinhos.

Ainda sobre a atividade sexual infantil, a referência aos monstros vai aparecer num segundo momento em *A questão da análise leiga*, de 1926, quando Freud (1991, p. 247) afirma:

Conhecemos a responsabilidade que temos, quando reprimimos a atividade sexual da primeira infância, e tampouco temos coragem para permitir que esta atividade fique ilimitada. Nos povos de civilização mais baixa e nas camadas inferiores dos civilizados parece que a sexualidade infantil é liberada. Com isto não se consegue provavelmente uma forte proteção contra a posterior aquisição pelo adulto de neuroses individuais, e simultaneamente uma extraordinária perda da capacidade para rendimentos sociais? Algo nos diz que estamos aqui diante de uma nova Cila e Caribidis.

A sexualidade infantil é uma vez mais posta em evidência. Ao considerar seu livre exercício “nos povos de

civilização mais baixa”, Freud pretende evitar qualquer repressão de forças psíquicas canalizadas para o domínio sexual, cujos efeitos danosos incluiriam tanto o dismantelamento de barreiras que obstruam a aquisição de neuroses, quanto à impossibilidade de se estabelecer um incremento psíquico de peso às atividades sociais. “Uma nova Cila e Caribidis” se refere, então, a perigos humanos que envolvem a repressão sexual; como em 1923, evocam-se ainda os perigos que emanam das lendas dos dois monstros.

De uma citação a outra, contudo, verificamos que a recordação dos lendários perigos diz respeito ao império de forças anímicas que movem a dimensão sexual. E é este destaque na ligação das duas referências que vai servir de base para o entendimento do que está em jogo no terceiro momento de menção aos monstros, quando Freud avalia em 1933 os efeitos psíquicos causados na criança pela obstrução da força pulsional. Ele encontra por este caminho o acesso aos fins que eram usuais na educação nesta época – inibir, proibir e subjugar –, traduzindo, por um apoio na mitologia, o que a atividade pedagógica deveria buscar aos olhos da psicanálise: uma via que estivesse situada entre “a Cila do deixar agir à vontade e a Caribidis da não-permissividade” (FREUD, 1996, p. 160). Condizente à educação e completando o valor que assume para a teoria freudiana as ocorrências sexuais dos primeiros anos infantis, este terceiro momento de evocação dos monstros direciona o fio condutor das menções de 1923 e 1926.

Reafirma-se, assim, a ênfase aos perigos atribuídos a Cila e Caribidis?

Contrariamente ao que parece evidente nesta nova menção, este direcionamento amplia o destaque no mito aos riscos

assinalados, tornando-o uma peça-chave para a discussão até aqui levantada. Mas o entendimento desta ampliação não é tão rápido, como possa parecer. O sentido do que está aí em jogo não nos exime de um aprofundamento, minucioso, do contexto em que ele surge; ao seu exame, assim, nos voltamos agora mais atentamente.

Freud: entre a infância e a educação

Em 1933, Freud dedica parte de sua reflexão ao enlace da infância com a educação. Relembra os passos dados por sua filha Anna, a este respeito. O que ocorre na primeira infância o preocupava enormemente, pois na análise dos neuróticos adultos a primeira infância despontava como foco central de investigação. Freud (1996, p. 158) destacava, assim, dois grandes motivos para atribuir aos “primeiros anos infantis” uma significação especial,

(...) pois contêm, em primeiro lugar, a floração prematura da sexualidade, a qual deixa atrás de si estímulos decisivos para a vida sexual da maturidade. Em segundo lugar, porque as impressões desta época incidem sobre um ego imaturo e débil, sobre o qual atuam como traumas. Das tempestades de afetos que tais traumas desencadeiam, o ego só pode defender-se com o recalque, adquirindo assim na idade infantil todas as disposições a enfermidades e transtornos funcionais posteriores.

Estas impressões acompanhariam a criança na infância, trazendo, como obstáculos o controle das pulsões que movem o agir e a adequação ou adaptação ao meio social. Era bem claro para Freud que uma parte destas duas barreiras seria ultrapassada ao longo do desenvolvimento psíquico; o que resta, conforme ainda assinala, seria imposto necessariamente pela educação. Ele

admitia, no entanto, impossibilidades na idade pueril a este respeito, pois

(...) muitas crianças passam nestes primeiros períodos por estados que podemos equiparar às neuroses e que, com certeza, as tornam, mais tarde, manifestamente doentes. Para algumas crianças, o adoecimento neurótico não espera o período da maturidade; surge já na infância, ocupando os pais e os médicos (FREUD, 1996, p. 158).

Para evitar qualquer desenlace desta espécie, Freud consolidou a aplicação de recursos da análise em crianças. Opunha-se, assim, a suspeita levantada por seus adversários dos perigos que implicavam esta utilização; e, de fato, conforme pode constatar, os ganhos compensaram este desdobramento, suscitando “êxitos fundamentais e permanentes” (FREUD, 1996, p. 159). Em acréscimo, a educação ganhava um papel exemplar a este respeito. Se ela “deve forçosamente inibir, proibir e subjugar, e assim o conseguiu amplamente em todos os tempos”, ela poderia encontrar um “caminho ótimo e (...) eliminar um fator de etiologia da enfermidade: a influência dos traumas infantis acidentais” (FREUD, 1996, p.161). O único obstáculo à ação educacional seria alçado, no entanto, pelo “poderio de uma constituição insubordinável das pulsões” (*Ibidem*). Freud retomava o embate, para ele inevitável, dos impulsos humanos com o propósito de adaptação à ordem social que se colocava no trabalho do educador; os defeitos das instituições sociais não justificavam a seus olhos a colocação da educação, em termos psicanalíticos, a serviço da sociedade. Ele tentava encontrar, assim, um outro fim educacional, afastado das “exigências sociais dominantes” (FREUD, 1996, p.162).

A força pulsional e o que ela acarretava no mundo da criança entravam, deste modo, em consideração. Não duvidando que a sujeição das pulsões fosse um sinal eficaz para o adoecimento neurótico, Freud se voltava para a educação infantil, tentando distanciá-la dos seus fins inibidores, proibitivos e subjugadores. Crítico da ação educacional então dominante, ele conseguia torná-la um poderoso instrumento psíquico. Mas para que isto fosse possível, conforme afirmou logo em seguida, a atividade pedagógica deveria buscar uma via “entre a Cila do deixar agir à vontade e a Caribidis da não-permissividade” (FREUD, 1996, p. 160).

Como precisar aqui a menção aos lendários monstros?

Para responder a esta questão, devemos reassinalar dois aspectos encontrados nos mitos: os perigos da navegação e a própria navegação. Ao relacioná-los com os passos dados por Freud neste momento, conseguimos desvendar a retomada das duas lendas direcionada para os fins educacionais. Por este viés, fecharemos o percurso que nos propomos trilhar.

Considerações finais

Sob os mitos de Cila e Caribidis, parece-nos claro a explícita pretensão de indicar que entre as adversidades encontradas pelos homens ao não reconhecerem limites para suas ações – “a Cila do deixar agir à vontade” – e o limite que se impõe à autonomia humana pela restrição de permissividade – “a Caribidis da não-permissividade” –, a educação deveria encontrar uma via psíquica adequada pela qual conseguisse realizar o máximo e prejudicar o mínimo. Isto poderia nos explicar, indo um pouco mais além no texto freudiano, porque a ação

educacional deveria se mostrar apta para avaliar em que medida, quando e com que meios as proibições são possíveis, ou, como afirma Freud (1996, p. 161), atribuir à criança, diante do que acontece em seu nascente mundo psíquico, “(...) uma correta medida de amor e conservar uma parte de autoridade eficaz (...)”. A menção aos perigos que envolvem a existência dos dois monstros torna-se evidente, assim, como primeiro aspecto de aproximação entre a psicanálise e os mitos em questão.

Mas não são apenas as adversidades que nos esclarecem esta evocação feita por Freud. Como segundo aspecto, deve nos chamar a atenção que os perigos mencionados nas duas lendas estão relacionados diretamente à inevitabilidade da navegação. Ou seja, sendo imprescindível para Odisseu navegar entre Cila e Caribidis, torna-se inadiável o confronto do desenvolvimento infantil com a força pulsional. Se no mito estamos diante do que é irremediável e da ordem do natural – o fluxo marítimo –, na vida anímica infantil encontramos o que é inadiável e da ordem dos impulsos – as energias pulsionais.

E é em torno destes aspectos que o enigma psicanalítico-mítico com o qual nos ocupamos se desfaz.

Entre o psíquico e o lendário, a educação acaba por se confrontar com a força insubordinável das pulsões. De modo conciso, a amplitude deste confronto se desvela sob duas grandes fronteiras que passam a restringir o agir humano e que só conteúdos míticos podem captar com tanta clareza, como

as adversidades da navegação perto de rochas e redemoinhos, envolvendo os monstros Cila e Caribidis, mostraram a Freud. Se para este último o desenvolvimento infantil tocava em 1933 na “mais importante das atividades concernentes à psicanálise: (...) a educação de gerações vindouras” (FREUD, 1996, p. 157), este encontro se inscrevia na ordem de um grande desafio que passava a se impor desde então a qualquer passo do educador: transpor, de modo bem nítido e em última instância, os perigos colocados tanto por uma Cila da **completa permissividade** – na qual o ímpeto de um proceder não reconhece quaisquer limites, restrições –, quanto aqueles que têm por fonte uma Caribidis da **submissão às proibições** – aquela em que o obedecer se esconde na mais sombria passividade e cegueira.

Referências

FREUD, Sigmund. Massenpsychologie und Ich-Analyse. In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1987. Neunte Auflage. Band XIII, Seiten 71-161.

_____. Kurzer Abriß der Psychoanalyse. In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1987. Neunte Auflage. Band XIII, Seiten 403-427.

_____. Die Frage der Laienanalyse. In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Siebente Auflage. Band XIV, Seiten 207-307.

_____. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1996. Neunte Auflage. Band XV.

HOMERO. Odisséia. São Paulo: Editora Cultrix. s/d.